

Protocolo 2

Colaborador: JC

Pesquisador: Stella Maris Bortoni-Ricardo

Transcrição

P: Estou com J.C., que vai fazer a sessão conosco. Antes de nós passarmos à leitura que nós vamos fazer hoje, eu queria que você lesse e comentasse comigo o texto que escreveu à respeito daquela leitura que fizemos no nosso último encontro.

J: "Devastação das florestas brasileiras desde o pau-brasil. A exploração do pau-brasil, a produção de cana-de-açúcar e do café e a criação de gado são um dos principais problemas de devastação das florestas brasileiras. Desde o início da colonização, os portugueses começaram a explorar o nosso pau-brasil, do qual se extraía tinta para tecido, sendo esse produto a primeira atividade econômica da colônia. Não houve um projeto de colonização para o Brasil e a extração do pau-brasil foi feita pelo governo português e também por particulares europeus, os quais pagavam impostos para a coroa portuguesa. Era usada mão de obra indígena.

Paralelamente ao uso do pau-brasil foram implantados engenhos de cana-de-açúcar, contribuindo para a devastação da floresta. Na zona da mata nordestina foi o primeiro local ocupado pelos colonizadores. A floresta foi completamente devastada e em seu lugar surgiram imensos canaviais. A cana-de-açúcar foi a principal atividade econômica por alguns séculos.

O outro ciclo econômico do Brasil, localizado na mata atlântica, foi o café. Esse se instalou principalmente no Sudeste, que se expandiu. Essa atividade gerou um crescimento urbano ainda maior, proporcionando a construção de ferrovias, vilas e cidades. Contribuindo para o aumento do desmatamento.

Atualmente, o alvo da destruição é a Amazônia, que vem sofrendo com a devastação desenfreada dos fazendeiros e das madeireiras ilegais, que vêm derrubando árvores coloniais e centenárias, com motosserras e com fogo. Abrindo grandes clareiras para a criação de gado e a venda de madeiras nobres.

É necessário leis mais rígidas e uma política com participação da sociedade que incentive o uso sustentável das florestas. Adotando medidas eficientes para sua conservação ou recuperação."

P: Muito bem. Nós vamos comentar algumas coisas, tá? "A exploração do pau-brasil..." Por que você colocou com letra maiúscula?

J: Porque é o nome da árvore.

P: O nome da árvore é com letra maiúscula?

J: Não?

P: Não, nome de gente e nome de lugar, né? Vou deixar marcado pra depois você reescrever. "A exploração do pau-brasil, de cana-de-açúcar e do café e a criação de gado são um dos principais problemas de devastação das florestas brasileiras." Um bom começo, mas o que você está dizendo? Está dizendo o que nesse seu primeiro parágrafo?

J: Eu tô resumindo os itens abaixo que eu vou descrever.

P: Muito bem, então você diz: A exploração do pau-brasil (vírgula) a produção da cana-de-açúcar e do café e a criação de gado. Quantas atividades econômicas você citou aqui?

J: Quatro.

P: Quais são?

J: A exploração do pau-brasil, a produção da cana-de-açúcar, a produção do café e a criação de gado.

P: E que que você disse sobre essas quatro atividades econômicas?

J: Que foram importantes para o desmatamento.

P: Não, o que que você disse aqui?

J: São um dos principais problemas da devastação das florestas brasileiras.

P: Não seria melhor que você, já que são quatro, quatro atividades econômicas, não seria melhor que você dissesse que são...

J: Quatro.

P: Ou são... porque quando você diz "são um dos principais problemas" parece que nós estamos com um problema só.

J: E são quatro.

P: Então, como é que poderia ficar? "A exploração do pau-brasil, a produção da cana-de-açúcar e café e a criação de gado são..."

J: "... quatro dos principais problemas."

P: Se você não quiser dizer quatro, você pode dizer são...

J: Alguns...

P: Dos principais problemas na devastação das florestas brasileiras, muito bem. " Desde o início da colonização, os portugueses...", escreveu "portugueses" com letra maiúscula, nós precisamos escrever "brasileiros, coreanos, africanos" com letra maiúscula?

J: Não.

P: "Desde o início da colonização, os portugueses começaram a explorar o nosso pau-brasil..." que mais?

J: "...do qual se extraía tinta para tecido, sendo esse produto a primeira atividade econômica da colônia."

P: Ficou muito boa essa sua frase. Ficou ótima. "Desde o início da colonização (vírgula) os portugueses (sem letra maiúscula) começaram a explorar o nosso pau-brasil (sem letra maiúscula) do qual..." esse do qual aqui se refere a que?

J: Ao pau-brasil.

P: "do qual se extraía..." você botou um acento, porque certamente o computador mandou você colocar um acento aqui, mas está certo. "...tinta para tecido, sendo esse produto a primeira atividade econômica da colônia." Colônia, se você quisesse poderia ter escrito com letra maiúscula, não precisa, mas se você quisesse poderia, porque significando colônia Brasil. Invés de Brasil, colônia, tá certo? "Não houve..."

J: "Não houve um projeto de colonização para o Brasil e a extração do pau-brasil foi feita pelo governo português e também por particulares europeus, os quais pagavam impostos para a coroa portuguesa. Era usada mão de obra indígena."

SM - Muito bem, você afirma três coisas aqui. Que que você afirma a partir daqui?

J: Que não houve um projeto de colonização do Brasil.

P: Não houve um projeto de colonização.

J: A extração do pau-brasil.

P: A extração foi feita pelo governo português...

J: E pelos particulares.

P: Que que tem a ver essa sua segunda asserção, essa coisa que você tá afirmando, com a primeira?

"Não houve um projeto de colonização para o Brasil" e qual a relação entre essa e a seguinte, as seguintes?

J: Porque se eles viessem pra cá e não desmatassem tanto o pau-brasil, né? Eu pensei nesse lado. Derrubou tudo e não tava nem preocupado com a colonização.

P: "Não houve um projeto de colonização." Vamos pensar, e se tivesse havido um projeto? O que teria

acontecido?

J: Teoricamente não iam ter, não iam arrancar todas as árvores, todos os pau-brasil.

P: Todas as árvores de pau-brasil, né? Se tivesse havido, mas não houve um projeto de colonização.

J: Eles não estavam preocupados em colonizar, eles queriam arrancar o pau-brasil e ir embora.

P: Muito bem, e a mão de obra era?

J: Indígena.

P: Indígena. "Paralelamente..."

J: "... ao uso do pau-brasil a foram implantados engenhos de cana-de-açúcar, contribuindo para a devastação da floresta."

P: Então já entramos na segunda atividade econômica, "Paralelamente ao uso do pau-brasil..." de fato é um pouco "paralelamente", mas também é um pouco sequencialmente. Eles começaram a construir engenhos ainda quando estavam explorando o pau-brasil. Mas quando o pau-brasil ficou, a exploração ficou fraca, eles começaram a?

J: Ficar mais forte o plantio de cana-de-açúcar.

P: Onde foi?

J: "Na Zona da Mata nordestina foi o primeiro local ocupado pelos colonizadores. A floresta foi completamente devastada e em seu lugar surgiram imensos canaviais."

P: Essa sua sequência está boa. Então vamos refletir um pouquinho aqui. "...foi o primeiro local ocupado pelos colonizadores..." qual é o sujeito... nós estamos nos acostumando a pensar no sujeito e no verbo que é o predicado de cada afirmação que você faz. Qual é o sujeito de "...foi o primeiro local ocupado pelos colonizadores..."?

J: Zona da Mata nordestina.

P: É? Se é o sujeito... mas aqui você começou com a preposição "na Zona da Mata", então "na Zona da Mata" é um local, é uma circunstância de local, se você quer transformar isso num sujeito basta fazer uma pequena mudança aqui, qual seria?

J: Tirar o "Na".

P: Tirar o "Na" e botar o que no lugar?

J: "A Zona".

P: Muito bem, então ao invés de "Na" você poria... aí como é que ia ficar?

J: "A Zona da Mata nordestina foi o primeiro local ocupado pelos colonizadores."

P: Então qual é o seu sujeito?

J: A Zona da Mata...

P: ...nordestina. E o verbo? E o predicado? O que que você está declarando sobre a zona da mata?

J: Que foi o primeiro local.

P: Então, é o predicado. E o que que você colocou entre o sujeito e o predicado?

J: O verbo "foi".

P: O foi é o seu predicado, é o núcleo do seu predicado, é o verbo que compõe o seu predicado. Entre o seu sujeito e o seu predicado o que que você pôs?

J: Um artigo.

P: Cadê o artigo? Até onde vai o seu sujeito?

J: Até lá...

P: Então vamos marcar aqui... se você me falar assim "A Zona da Mata nordestina..." aí eu vou te falar assim "que que tem a Zona da Mata nordestina?", quero que você me fale alguma coisa sobre ela. Me fala o sujeito de novo.

J: "A Zona da Mata nordestina..."

P: Que que tem ela?

J: "... foi o primeiro local ocupado pelos primeiros colonizadores."

P: Onde termina o seu sujeito? O que é o sujeito aí?

J: O sujeito vai até "nordestina".

P: Então terminou aqui?

J: Não.

P: Por que não? Se o sujeito vai até aqui por que que não terminou? Terminou o sujeito. Ele tá um sujeito até grandinho. Tem artigo, tem "da Mata nordestina", tem várias palavras que compõem esse sujeito.

J: Não tem verbo.

P: Não tem verbo, porque sujeito não tem verbo. Depois do sujeito vem o resto, que é o predicado. Aonde começa seu predicado?

J: "... foi o primeiro local ocupado pelos colonizadores."

P: Que que você pôs entre o seu sujeito e o seu predicado?

J: Eu tinha botado uma vírgula.

P: Mas não pode. Por que que não pode? Porque nunca separamos sujeito do predicado com?

J: Vírgula.

P: Que que aconteceu que ele confundiu você? Como você escreveu "Na Zona da Mata" você ficou pensando que isso aqui não era sujeito, mas se não fosse sujeito você ia ficar sem sujeito aqui. Então nós transformamos pra virar sujeito aqui "A Zona da Mata". Por que você podia escrever assim "Na Zona da Mata nordestina, foram plantados muitos canaviais" aí você pode, porque "Na Zona da Mata" não é sujeito, vai ser um local, vai indicar um local.

J: "A floresta foi completamente devastada e em seu lugar surgiram imensos canaviais."

P: Muito bom, aqui está perfeito. "A floresta foi completamente devastada (se você vai colocar ponto aqui, esse "A" tem que ser maiúsculo) e em seu lugar surgiram imensos canaviais. Por que você colocou "surgiram" no plural? Está no plural?

J: Está.

P: Se estivesse no singular ia ser como?

J: Surgiu.

P: Surgiu. Mas não está no singular, está no plural. Então como é que é?

J: Surgiram vários canaviais.

P: Qual é o sujeito de surgiram? O que surgiu lá?

J: Os canaviais.

P: Na ordem direta, como é que ficaria?

J: "E em seu lugar imensos canaviais surgiram."

P: Certo? Por isso que você colocou no plural aqui, pra concordar com imensos canaviais. Continua.

J: "A cana-de-açúcar foi a principal atividade econômica por alguns séculos."

P: Muito bem, fez ponto, parou, terminou esse período e vai começar outro parágrafo. Vamos lá.

J: "O outro ciclo..."

P: Por que você vai começar outro parágrafo?

J: Por que eu tô mudando de assunto.

P: Qual que é o assunto agora?

J: Do café.

P: Então vamos lá.

J: "O outro ciclo econômico do Brasil, localizado na Mata Atlântica, foi o café. Esse se instalou principalmente no Sudeste, que se expandiu."

P: Muito bem, tá ótimo. Só tem um probleminha, vamos ler de novo, pra ver onde é que nós estamos fechando o pensamento. "O outro ciclo econômico do Brasil..." olha, "O outro ciclo econômico do Brasil..." é o sujeito, vamos marcá-lo. E qual que é o predicado, que que você tá falando desse... você fala assim "O outro ciclo econômico do Brasil..." e eu falo "o quê? Que que tem a ver?

J: "...foi localizado na Mata Atlântica..."

P: Também foi localizado, mas aí você não tem um verbo pra colocar aqui. Então vamos procurar um verbo que se candidate a ser predicado desse "O outro ciclo econômico do Brasil...". Sem sair daqui, só

aqui nesse período.

J: "O outro ciclo econômico do Brasil..." é... o cultivo do café.

P: Não precisa inventar o que não tem aí não.

J: Não?

P: Só me falar o que você acha, quem é o melhor candidato pra ser...

J: "... foi o café"

P: Ah, então o que que você tá dizendo?

J: "O outro ciclo econômico do Brasil foi o café."

P: Perfeito seu enunciado. Quando eu digo enunciado é o mesmo que sentença ou período, tá? "O outro ciclo econômico do Brasil foi o café."

J: Aí eu digo onde foi localizado.

P: O que você quis fazer? Você quis colocar entre o seu sujeito aqui e o seu predicado aqui, você colocou uma informação, que... que que você tem? Você tem aqui um sujeito "O outro ciclo econômico do Brasil", aí você tem o predicado "foi o café" e seu verbo é "foi". Acontece que você quer e você pode colocar uma informação entre o sujeito e o predicado. Como é que você faz pra colocar essa informação?

J: Entre vírgulas.

P: Põe entre vírgulas. Que que essas vírgulas estão dizendo? Estão dizendo que você não está separando sujeito do predicado. Você está colocando uma informação extra entre o sujeito e o predicado. Pra fazer isso você põe vírgula no final do sujeito e põe vírgula aqui no final da informação. Vamos ler de novo.

J: "O outro ciclo econômico do Brasil, localizado na Mata Atlântica, foi o café."

P: Então, qual é a informação que você inseriu entre sujeito e predicado?

J: "... localizado na Mata Atlântica"

P: Você pode fazer isso. Você podia até ter escrito assim "O outro ciclo econômico do Brasil que está localizado, que ficou localizado" poderia tudo isso. Você aproveitou pra dar uma informação a mais sobre esse seu sujeito. Aí o que que você fez? Você tem o sujeito, você tem o predicado, aí no meio você colocou isso. Leia agora pra mim.

J: Todo?

P: Não, só esse pedaço.

J: "O outro ciclo econômico do Brasil, localizado na Mata Atlântica, foi o café."

P: Veja que quando você lê, você faz assim "O outro ciclo econômico do Brasil, (baixa a sua voz) localizado na Mata Atlântica..." porque quando a gente fala, a gente já deixa indicado que isso aqui é uma informação que você está dando a mais, por isso é que você está botando entre sujeito e predicado. Leia de novo até "café".

J: "O outro ciclo econômico do Brasil, localizado na Mata Atlântica, foi o café."

P: Você deu uma descida bem acentuada aqui. Por quê? Como é que você faz pausa? Você dá uma descida. E o que que você faz no final pra indicar que...

J: Ponto.

P: Ponto.

J: " Esse se instalou principalmente no Sudeste, que se expandiu."

P: Quem se expandiu?

J: O Sudeste.

P: O Sudeste, o qual se expandiu. Muito bem.

J: "Esta atividade..."

P: Esta atividade é qual, hein?

J: Do café.

P: Tá.

J: "Essa atividade gerou um crescimento urbano ainda maior, proporcionando a construção de

ferrovias, vilas e cidades. Contribuindo para o aumento do desmatamento."

P: Quanta coisa você está falando sobre essa atividade, que é o café. Sendo que pra você não repetir "o ciclo econômico do café gerou" você usou muito bem "essa atividade gerou um crescimento urbano ainda maior", que mais que ela fez?

J: "...proporcionando a construção de ferrovias, vilas e cidades. Contribuindo para o aumento do desmatamento."

P: Tudo isso é predicado de "Essa atividade gerou um crescimento ainda maior".

J: Aí vou começar outro ciclo.

P: Aí vai pra outro parágrafo.

J: Outro parágrafo, sobre o desmatamento da Amazônia.

P: Outro parágrafo. Mudou de assunto, porque você vinha falando de coisas que aconteceram...

J: Antigamente.

P: Há uns 5 séculos. Nos primeiros séculos de colonização do Brasil. Você começou lá atrás, no século XVI, quando o Brasil foi descoberto, até o século XVIII, com o café. E agora?

J: "Atualmente, o alvo da destruição é a Amazônia, que vem sofrendo com a devastação desenfreada dos fazendeiros e das madeireiras ilegais, que vêm derrubando árvores coloniais e centenárias, com motosserras e com fogo. Abrindo grandes clareiras para a criação de gado e a venda de madeiras nobres."

P: Tá muito bem escrito. Isso é um parágrafo, mas um parágrafo constituído de um período só. A única coisa que eu quero que você preste atenção é que essa forma "vem" tem duas formas que soam do mesmo jeito. "Vem" quando o sujeito é singular e "vêm" com um circunflexo, quando o sujeito é plural. Aqui o sujeito é singular ou plural?

J: Isso é plural.

P: Por quê?

J: Porque tem fazendeiros e madeireiras.

P: "...desenfreada dos fazendeiros e das madeireiras ilegais", então, "a devastação desenfreada" os quais são os fazendeiros e as madeireiras ilegais vêm, então você tem dois agentes que estão causando esse problema lá, "derrubando as árvores coloniais e centenárias, com motosserras e com fogo, abrindo grandes clareiras..." está muito bom. Vamos ler isso aqui.

J: "É necessário leis mais rígidas e uma política com participação da sociedade que incentive o uso sustentável das florestas. Adotando medidas eficientes para sua conservação ou recuperação."

P: A ideia aqui tá muito boa, mas há alguns probleminhas aqui. O que você está afirmando no início?

J: Que é necessário leis mais rígidas.

P: Então, o que que é necessário?

J: Leis mais rígidas.

P: Você diz "leis mais rígidas é necessário ou..."

J: Leis mais rígidas são necessárias.

P: São necessárias. E você também pode dizer "é necessário adotar leis mais rígidas". Mas se você quiser deixar assim "são necessárias leis mais rígidas". E além do que, além de leis mais rígidas você tá dizendo mais coisas. Que mais que é necessário?

J: "Uma política com participação da sociedade, que incentive..."

P: Que incentive. Quem vai incentivar? Leis mais rígidas e uma política. Por isso, isso daqui está no?

J: Plural. "... o uso sustentável das florestas. Adotando medidas eficientes para sua conservação ou recuperação."

P: Está um excelente texto. Mas você vai reescrevê-lo com todos esses...

J: Mudanças.

P: Essas mudancinhas. Agora pra não perdermos tempo, que hoje é quarta-feira, nós vamos fazer uma leitura. A leitura é, qual o título?

J: "Quantas línguas são faladas no Brasil?"

P: E de onde é que nós estamos tirando isso?

J: Da revista Super Interessante.

P: Tá certo. A Super Interessante, eu fui procurar a data dela também não achei, estava super difícil de ler, mas aqui a gente vê ó.

J: Agosto de 2007.

P: Então vamos ler. Quantas línguas você acha que são faladas no Brasil?

J: Uma três pelo menos.

P: Seriam quais?

J: Tupi, a nossa língua, portuguesa normal, e os dialetos que cada região tem.

P: Será que são línguas diferentes? Por exemplo, você é lá de Salvador, eu sou aqui de Brasília. A nossa fala é muito diferente?

J: Não, tem palavras que...vem da Região né.

P: Tem algumas diferenças, por exemplo, você fala "eu goxto", não fala? "Eu goxto", eu não falo "eu goxto", eu falo "eu gosto". São línguas diferentes?

J: Não.

P: Então é tudo português. Mas há outras línguas, vamos ver quantas são essas línguas. Então você acha que eles vão responder pra nós quantas são, vamos lá.

J: "Fora o português - o único idioma oficial - há aproximadamente 180 outras línguas no Brasil. E olha que esse número não considera as comunidades de imigrantes nem as pessoas que aprendem uma língua estrangeira. São só os idiomas indígenas, falados por cerca de 160.000 pessoas."

P: Então, quantas línguas há no Brasil?

J: 180, aproximadamente.

P: Aproximadamente. Qual é a que nós usamos?

J: Português.

P: Além da que nós usamos, quais as que eles estão mencionando?

J: Os idiomas indígenas.

P: Cerca de?

J: 180 línguas.

P: 180 línguas. Quantas pessoas falam essas línguas?

J: Cerca de 160.000.

P: Quem seriam essas pessoas?

J: Basicamente os índios.

P: Basicamente os índios, mas pode ser um missionário que vá lá. Um pesquisador, mas basicamente os índios. Então quantos índios há no Brasil?

J: Em torno de 160.000.

P: Falando cerca de?

J: 180 idiomas.

P: Muito bem, agora vamos continuar a ler pra gente se informar melhor.

J: "A situação não está nada bonita para essa gente: segundo o lingüista Aryon Rodrigues, da UnB, 87% das línguas indígenas estão ameaçadas de "morte" - encaixam-se nessa categoria as línguas com 10.000 falantes ou menos. Se um idioma tem só um falante, ele já é considerado morto, pois essa pessoa não tem mais ninguém para conversar em sua língua."

P: Ok, pode continuar e depois conversamos.

J: "Ao contrário das pessoas, línguas podem ressuscitar, desde que o conhecimento seja preservado (num dicionário, por exemplo) e passado adiante. Foi o que aconteceu com o hebraico, que sumiu na Idade Média - quando passou a ter somente uso litúrgico - para renascer como o idioma oficial de Israel."

P: Ok, vamos comentar aqui. O que está dizendo o linguísta Aryon Rodrigues?

J: Que 80% das línguas indígenas estão ameaçadas de morte.

P: Como é que você imagina que uma língua morra?

J: Quando, como ele acha, que só uma pessoa fala aquela língua, aí não tem mais com quem conversar. Se a outra pessoa morrer e não tiver nada histórico, nada escrito pra alguém futuramente... pesquisadores... ressuscitar ela, ela morre.

P: Ela morre. Então uma língua morre quando não tem mais falantes e não ficou nenhum registro. Você conhece alguma língua que hoje em dia não é falada mas que tem registro? Que ficou registrada?

J: Não.

P: O latim. O latim é uma língua que foi falada na época de Roma, naquela época que a gente vê nos filmes. E eles levaram o latim pra muitos lugares. Depois o latim se transformou em várias línguas, como o português, o espanhol, o francês, e ninguém mais falou latim. Mas como é que nós sabemos latim até hoje? O que que ficou?

J: Registro.

P: Registros. Como os dicionários, os livros etc.

J: E os padres?

P: Os padres rezam até hoje em latim, mas é porque eles aprenderam nos livros. O latim que era falado lá em Roma, na época do Império Romano esse desapareceu... não é que ele desapareceu, ele se transformou em outras línguas. Você já visitou a Itália, a Itália é o lugar onde o latim nasceu, ali na região de Roma. Depois houve toda uma expansão do Império Romano e pra onde eles levaram o latim? O latim foi-se transformando, por exemplo, lá na Península Ibérica, na região que hoje é Portugal ele se transformou e virou o quê?

J: Português.

P: Na região onde é a Espanha ele virou o quê?

J: Espanhol.

P: Na região onde é a França ele virou o quê?

J: Francês.

P: E assim por diante. E na Itália, o que que ele virou?

J: Italiano.

P: Italiano. Ele nem saiu dali, ficou ali mesmo. Ele foi criado ali e ficou ali. Mas foi modificado e hoje é o italiano, né? Mas é isso que está acontecendo com as línguas indígenas brasileiras? Estão sendo levadas pros lugares ou estão sendo registradas?

J: Não.

P: Não, pelo menos é o que está nos dizendo o linguísta Aryon. Elas precisam ser registradas, mas elas... vamos saber... o que você acha que ele vai falar agora? Tendo falado desse período das línguas morrerem, que que você acha que ele vai falar agora?

J: Foi o que eu disse antes, né? Se tiver uma língua que só tem uma pessoa, essa língua não vai existir mais, ela vai morrer.

P: Que que é capaz que ele fale agora?

J: Que o idioma que tem um só falante, ele já é considerado morto.

P: Um idioma sim. Que que você tem expectativa de encontrar mais aqui? Agora que ele nos trouxe o problema.

J: É que se tiver registro essa língua pode ressuscitar.

P: Então, muito capaz que ele vá falar dessas formas de ressurreição da língua. Ele dá um exemplo aí, que exemplo é esse?

J: A língua hebraica.

P: A língua hebraica era a língua de que povo?

J: De Israel.

P: Era a língua falada?

J: Por Jesus Cristo.

P: Jesus Cristo falava uma outra língua chamada Aramaico, mas a língua ali daquela região, ele

provavelmente falou o Aramaico, mas a língua mais importante ali era o hebraico. O que aconteceu com o hebraico?

J: Morreu.

P: Morreu? Não é isso que tá falando aqui não.

J: É, mas como tinha...

P: Vamos ler de novo.

J: Começa tudo?

P: Não, aqui do hebraico.

J: "Foi o que aconteceu com o hebraico, que sumiu na Idade Média..." então ele sumiu.

P: Então ele sumiu.

J: Mas ele ressuscitou porque ele tinha registro.

P: E ele sumiu completamente? Ou alguém ainda continua usando o hebraico?

J: Muito provavelmente alguém ainda continua usando.

P: Mas aí tá dizendo pra nós quem foi.

J: O dicionário.

P: Dicionário fala?

J: Mas tá escrito.

P: Tá bom, pode ser que houvesse dicionário, mas foi isso que ele falou?

J: "...passou a ter somente uso litúrgico..."

P: O que é uso litúrgico?

J: Não sei.

P: Não tem ideia? O que é liturgia?

J: A parte religiosa?

P: É a parte religiosa. Em que semana nós estamos agora?

J: Semana Santa.

P: Você sabe que na Semana Santa nós temos muitas liturgias. Amanhã é quinta-feira santa, uma liturgia bonita que temos amanhã é a cerimônia do lava-pés, em que eles reproduzem, repetem o ato de Jesus Cristo lavando os pés dos apóstolos. Isso é uma liturgia. Quando você vai à Igreja... você vai à Igreja?

J: Raramente.

P: Você vai a qual igreja?

J: Católica.

P: E o que você vê lá na Igreja Católica?

J: A imagem de Jesus Cristo.

P: Mas o que que acontece na Igreja Católica?

J: As pessoas rezam.

P: E o que mais? Que que tem lá na frente da Igreja?

J: O padre.

P: E o que que ele faz?

J: Ele reza a missa.

P: A missa é uma?

J: Liturgia.

P: E o que que ele está dizendo aqui? Que o hebraico...

J: "Foi o que aconteceu com o hebraico, que sumiu na Idade Média e passou a ter somente uso litúrgico". Somente na parte católica, religiosa.

P: Quem você acha que usava o hebraico para uso litúrgico?

J: Os árabes.

P: Os árabes não falam hebraico, eles falam árabe.

J: É?

P: É.

J: O pessoal de Israel.

P: Israel. Quem são os habitantes de Israel?

J: Israelenses.

P: São os israelenses. Qual a raça deles, qual o grupo étnico? Judeus, são judeus. São os mesmos judeus que viviam lá em Israel na época de Cristo e que depois...

J: Que a Alemanha queria acabar com a raça.

P: Queria, o Hitler. Aliás, matou 6 milhões de judeus, muito. Coisa horrível. Então, o hebraico passou a ter uso litúrgico. Então o uso litúrgico nas igrejas de quem?

J: Lá de Israel.

P: Mas...

J: Dos judeus.

P: Não necessariamente Israel, porque Israel só foi recriado no começo do século XX. Então, nas igrejas que os judeus tinham pelo mundo. Você se lembra como se chamam as igrejas dos judeus? Sinagoga. Já ouviu falar?

J: Já.

P: Sinagoga. Com "s". Então, nas sinagogas havia as liturgias em língua hebraica, porque eram liturgias do povo?

J: Judeu.

P: Ah, então ela desapareceu na idade média. Para renascer quando?

J: Como o idioma oficial de Israel.

P: Idioma oficial de Israel. Você tem ideia de quando o estado de Israel foi fundado? O estado moderno de Israel que existe lá onde há muitas guerras...

J: Não.

P: No começo do século XX. Então, e quando foi que o hebraico desapareceu? Em que período?

J: Na idade média.

P: Você tem ideia quando é que ocorreu a idade média?

J: Bem antes de Cristo.

P: Bem depois de Cristo.

J: Bem depois?

P: Cristo nasceu na época do Império Romano, que é história antiga. Quando acabou o Império Romano aí surgiu a idade média, até o início das grandes descobertas. Descoberta do Brasil, descoberta da América, que é quando nós temos o início da idade moderna. Você vai fazer essa pesquisa. Idade Antiga, depois a Idade Média e depois a Idade Moderna. Então o hebraico desapareceu na Idade Média e como é que ele renasceu?

J: Com a criação do Estado de Israel.

P: Você vai pesquisar também quantos anos tem o Estado de Israel. Já tô te dando uma dica, no início do século XX. E quando o hebraico renasceu, ele renasceu apenas para usos litúrgicos?

J: Não, pra ser a língua oficial de Israel.

P: Pra ser a língua oficial de Israel. E agora o que você acha que esse restinho do texto vai tratar?

J: Sobre os idiomas brasileiros.

P: Os... as línguas faladas no Brasil pelas nações indígenas. Vamos ler então, pra vê se a gente entende.

J: "Se a língua morre sem registro, ela é considerada extinta. A linguísta Januacele da Costa, da UFPE, estima que tenha sido o destino de 1200 idiomas brasileiros desde a chegada dos portugueses. Na tentativa de salvar as línguas indígenas, linguístas e professores se esforçam para ensiná-las às novas gerações. Hoje, há 2422 escolas que oferecem alfabetização bilíngue para as crianças índias."

P: Olha, bilíngue não tem mais trema, acabou com a reforma. Então vamos comentar essa parte final. A revista já havia entrevistado um especialista que foi o Aryon Rodrigues. E agora entrevistou outra especialista que é...

J: Januacele da Costa.
P: O que que diz a Januacele?
J: Ela diz que cerca de 1200 línguas já morreram no Brasil desde a colonização dos portugueses.
P: E quantas existem ainda?
J: 180.
P: Quantas os linguístas estimam que houvesse?
J: 1200, já morreram quase todas.
P: É, um percentual muito grande. Eles estimam que houvesse 1200 línguas faladas por nações indígenas distribuídas por todo esse território.
J: 1380, né?
P: Então seria.
J: Porque 1200 já morreu.
P: E as que estão permanecendo são essas 180. Há esperança?
J: Eles tão tentando fazer com que essas outras que tão vivas não morram.
P: Como é que eles vão fazer isso?
J: Ensinando nas escolas.
P: Que tipo de escolas são essas?
J: Bilíngues.
P: Que quer dizer escola bilíngue?
J: Que ensina dois idiomas.
P: Quais seriam esses dois idiomas?
J: O português e o indígena.
P: O indígena daquele grupo.
J: Daquele grupo lá.
P: Então essas são escolas?
J: Bilíngues.
P: E há quantas?
J: 2422 escolas dessas.
P: O que é um grande progresso, né? Vamos agora ler só uma informação sobre algumas línguas. Qual a primeira?
J: "Tucuna (40.000 falantes)"
P: É um bom número, né?
J: Essa eu nunca ouvi falar. "É a língua indígena mais conservada do Brasil. Os tucunas, habitantes da região do alto Solimões, no Amazonas, aprendem sua língua nativa em escolas públicas - onde os professores são, em sua maioria, não-índios".
P: Então os tucunas... onde é que eles vivem?
J: No alto Solimões.
P: Solimões é um rio que...
J: Corta a Amazônia.
P: E até um certo ponto ele se chama Solimões e depois o que ele passa a se chamar?
J: Rio Negro.
P: Amazonas.
J: Ah é?
P: O Rio Solimões deságua no Amazonas e depois...
J: Mas também tem o Rio Negro.
P: Também tem o Rio Negro. Temos que olhar no mapa pra ver...
J: Eu tenho aula dia de sábado, e o professor tava dizendo que eles tão querendo dividir o Amazonas em três partes. Amazônia mesmo, Rio Negro e...

(2º lado da fita)

J: "Macu (1 falante). Não se sabe por onde anda o único falante, Sinfrônio Makú, de mais de 70 anos. A última notícia que se teve dele é que trabalhava como jardineiro em Boa Vista, Roraima".

P: Ok. Que mais?

J: "Xipaia (1 falante). Maria Xipáya, de Altamira, Pará, é a última falante. Ela é uma idosa que nem sabe a própria idade. A língua está sendo dicionarizada pela linguísta Carmen Lúcia Rodrigues, da UFPA. Embiá (10.000 falantes). O embiá é uma variante do guarani falada em 7 estados: Mato Grosso do Sul, Paraná, Santa Catarina, Rio Grande do Sul, São Paulo, Rio de Janeiro e Espírito Santo, além de Argentina e Paraguai. Os falantes do embiá também se comunicam em português".

P: Que mais?

J: "Zetá"

P: Que letra é essa?

J: "X".

P: Então, como é que você acha que seja isso?

J: "Xetá (1 falante). Mais uma língua prestes a sumir do mapa: o índio Kwen, de aproximadamente 80 anos, é o único falante. Ele mora em Laranjeiras do Sul, Paraná."

J: "Nheengatu (3.000 falantes). Conhecida como a língua geral amazônica - era usada por índios de diferentes etnias, além de caboclos -, é derivada do tupinambá. O idioma foi adotado pelo povo baré, do Amazonas, após o sumiço da própria língua."

P: Vamos ler de novo sobre os Nheengatus.

J: "Nheengatu (3.000 falantes). Conhecida como a língua geral amazônica - era usada por índios de diferentes etnias, além de caboclos..."

P: Além de caboclos. Quem usava então?

J: Os índios e os caboclos.

P: Que são caboclos?

J: Caboclos é a mistura de índio com preto.

P: São descendentes de índios mas já miscigenados, geralmente com não-índios brancos ou morenos, mas...

J: Aqui com preto é cafuso, né?

P: Cafuso.

J: "... é derivada do tupinambá. O idioma foi adotado pelo povo baré, do Amazonas, após o sumiço da própria língua."

P: Então, a língua do povo baré era o nheengatu?

J: Não, era o tupinambá.

P: Era uma outra língua que desapareceu. Não era o tupinambá também. Olha, o nheengatu era usado por índios de diferentes etnias.

J: Vários índios.

P: O que que é etnia?

J: Grupos.

P: Uma raça, um grupo. Ele é derivado de qual, o nheengatu?

J: Do tupinambá.

P: E hoje, ele está sendo usado por qual grupo?

J: Baré.

P: Por que que o grupo baré adotou o nheengatu?

J: Acabou tendo o sumiço da própria língua.

P: Deveria ser a língua baré. Vamos fechar agora.

J: "Puruborá (0 falante). Todas as pessoas que sabiam falar o idioma puruborá já morreram. Os índios da tribo, em Roraima, falam o português, mas alguns ainda conhecem poucas palavras da língua de seu povo".

P: Que era qual?

J: Puruborá.

P: Então essa é uma língua, praticamente, morta. Dessas aqui também o Xetá só tem um falante, o embiá tem bastante gente, mas o xipaia tem 1 falante.

J: E o macu.

P: Macu também tem um falante e são idosos.

J: E esse macu também, ninguém sabe nem onde tá.

P: Tem um falante e não se sabe onde está. Eu quero que você escreva um texto que poderá se chamar "As línguas do Brasil". E depois guarda esse papel pra mim, tá?

J: Tá.

P: Vamos colocar numa pasta.

J: Numa pastinha.

P: As línguas do Brasil, certo? Você lê isso, reflete, vai ao mapa se tiver dúvida e faz esse texto, tá bom?

Observações: